

mosaico

ISSN 1676-1170



apoio pastoral

NESTA EDIÇÃO

**De tempos em tempos...
de graça em Graça!**
Renilda Martins
pág. 3

**Encontrando a Graça
na Bíblia**
Marcelo Carneiro
pág. 5

**O preço da graça:
reflexões sobre um
paradoxo a partir da teologia
de Dietrich Bonhoeffer**
Martim Barcala
pág. 7

**Vivendo a graça
de Deus dia-a-dia**
Amélia Tavares C. Neves
pág. 9

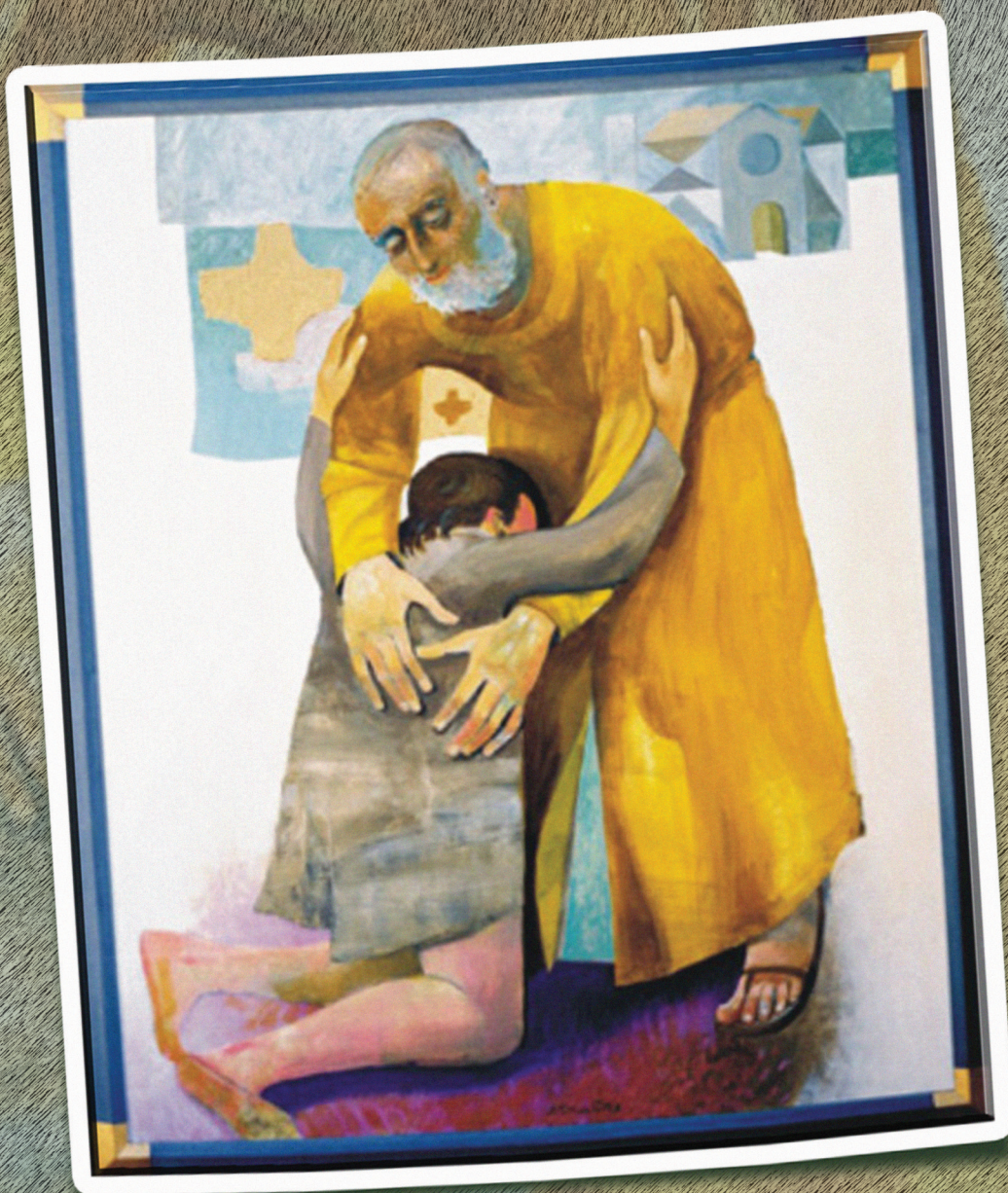
**A graça de Deus
no contexto contemporâneo**
Luis de Souza Cardoso
pág. 12

**Discipulado e Graça:
O estilo ministerial
de Jesus**
Nelson Luiz de Campos Leite
pág. 14

**A sociedade contemporânea
e a Teologia da Graça**
Luiz Carlos Ramos
pág. 16

**Hospedar, acolher, incluir!
A propósito de Gênesis 18.1-15**
Magali do Nascimento Cunha
pág. 18

**A Igreja Metodista
e a defesa dos
Direitos Humanos**
Cleber Lizardo "Kebel" de Assis
pág. 21



Preciosa Graça

Editorial



**... a graça de
Deus é a razão
do ser cristão,
o sentido do
seguir a Cristo...**

A Igreja Metodista fecha, neste 2008, mais um biênio do seu plano de ação pastoral, cujo tema-moto foi *Testemunhar a Graça e fazer Discípulos e Discípulas*, sobre o qual foi produzida uma Carta Pastoral do Colégio Episcopal. A relação graça e discipulado foi a questão central escolhida pelo Colégio dos Bispos para ser enfatizada e desenvolvida em todos os níveis de ação da igreja. Nesta edição, *Mosaico Apoio Pastoral* traz mais uma contribuição para o tema na expectativa de que seu estudo e a busca da prática não se encerrem com o final do biênio. Afinal, a graça de Deus é a razão do ser cristão, o sentido do seguir a Cristo, e precisa ser reafirmada neste século XXI cada vez mais

mercantilizado, e com ele a religião. Como contribuição, sete textos foram especialmente produzidos por autores e autoras com diferentes inserções na realidade da Igreja Metodista, trazendo, com sua experiência e reflexão, abordagens que desafiam a se continuar “vivendo a graça de Deus”.

Na segunda parte, não-temática, *Mosaico* brinda seus leitores/as com uma liturgia, um sermão e um artigo sobre a missão da Igreja, tendo sempre em vista que os temas abordados têm como pano de fundo a graça de Deus, animadora e desafiadora. Vale a pena ler e refletir sobre os conteúdos desta publicação que foi vocacionada como um “apoio” à ação pastoral em suas diversas frentes.

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 16, nº 42
Junho/Setembro de 2008

Publicação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Reitor da Faculdade de Teologia: Rui de Souza Josgrilberg; **Reitor da UMEP:** Márcio de Moraes; **Diretor Administrativo da Faculdade de Teologia:** Otoniel Luciano Ribeiro; **Coordenador da Editeo:** Ronaldo Sathler-Rosa; **Editores do Mosaico:** Magali do Nascimento Cunha.

Conselho Editorial: Blanches de Paula, Marcos José Martins, José Carlos de Souza, Luiz Carlos Ramos, Magali do Nascimento Cunha, Nelson Luiz Campos Leite, Otoniel Luciano Ribeiro, Rui de Souza Josgrilberg, Ronaldo Sathler-Rosa, Stanley da Silva Moraes e Tércio Machado Siqueira

Projeto gráfico: Luiz Carlos Ramos; **Assistente Editorial:** Glória Pratas; **Editoração e Arte final:** Marcos Brescovici; **Capa:** Marcos Brescovici com imagem de: bp0.blogger.com/.../s400/filho+prodigo.jpg; **Edição e montagem de imagens:** Marcos Brescovici; **Tiragem deste número:** 2.000 exemplares. **Distribuição gratuita.**

*

*

Mosaico Apoio Pastoral
EDITEO

Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970

Fone: (0__11) 4366-5983

editeo@metodista.br

Editorial

De tempos em tempos... de graça em Graça!

Renilda Martins

www.sxc.hu/photo/993150



A palavra graça nos remete a outras com conotações variadas. Graciosidade é uma delas. Uma pessoa graciosa torna leve o ambiente e os seus relacionamentos são permeados pela beleza. Outro sentido é dado pelas expressões “ela é super engraçada...” ou “ele é tão engraçado...” as quais indicam que tanto ela quanto ele são pessoas divertidas, que o simples expressar-se estimula risadas ou risos sutis. Mas, é no sentido da Graça de Deus que vamos dedicar um pouco mais de atenção neste texto.

O que é a Graça de Deus

Tempos atrás, na Alemanha, um pastor luterano, Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) preocupa-

do com as más interpretações sobre o tema escreveu sobre a Graça de Deus. Percebeu que, com a expansão do cristianismo e a secularização da Igreja, as pessoas se convertiam, mas tinham dificuldade de ser discípulas de Jesus de forma autêntica. Ao invés de seguir a Cristo na prática de seus ensinamentos, na mudança de caráter, de se envolver com o mundo para transformá-lo, ocorria o contrário. As pessoas adaptavam-se ao estilo de vida do mundo, mesmo participando da Igreja. Ou até mesmo, aceitavam Jesus como Senhor e Salvador, sem a noção mais ampla das implicações desta decisão. Isto é, no sentido de ser discípula, continuadora do ministério de Cristo. Mesmo que para isso fosse necessário perder a própria vida.

Diante deste contexto Bonhoeffer percebeu uma descaracterização da Graça de Deus. Os cristãos foram influenciados pelo estilo de vida da sociedade no trato dos negócios, na consideração pelo outro, na prática da justiça social e no testemunho. Enfim, estes princípios se sobrepuseram aos ensinamentos de Jesus Cristo deturpando a Graça de Deus. A este fenômeno ele denomina “graça barata”.

Graça Barata é	Implicações
Perdão sem arrependimento.	Reconhecimento do erro, mas sem mudança de atitude. Risco de ficar apenas no remorso. No caso de pecar é só pedir perdão.
Batismo sem disciplina da Igreja.	Ausência de comprometimento com a comunidade de fé e sem testemunho diante do povo.
Santa Ceia sem confissão de pecados.	Ausência de auto-análise que possibilita a reconciliação com Deus, consigo mesma e com seu
Sem limites, sem preço e sem custo.	Concessão de benefícios inesgotáveis, perpétuos e para proveito
Compromisso da pessoa consigo mesma. A graça é bem permanente.	A “graça é de graça”; “a graça faz tudo sozinha”. A ação humana cabe somente usufruí-la.

Diante do exposto, qualquer coincidência com o tempo atual não é mero acaso. É um processo de “discipulado às avessas”.

Graça
Preciosa

Como forma de contribuir para o esclarecimento de tal equívoco proveniente do conceito de “graça barata”, Bonhoeffer reafirmou a Graça genuína de Deus, a partir da expressão “Graça Preciosa”.

Graça Preciosa é	Implicações
Tesouro oculto, pedra preciosa.	Experiência pessoal que possibilita percepção e valorização do que é essencial.
Evangelho em novidade de vida. Dom que se tem que orar para vivenciá-lo e porta que tem que bater para que se abra.	Reconhecimento de Cristo como alguém que vale a pena seguir e viver. Voluntariedade e busca consciente. É preciosidade latente! Viva!
Preciosa por custar a vida de um filho para a concessão da vida a toda gente!	Confiança no amor incondicional de Deus por afirmar na doação de seu Filho: a raça humana vale a pena!
Condenar o pecado, justificar o/a pecador/a. e liberdade para decidir-se por Cristo.	Superação das limitações e consciência da interdependência enquanto ser. Mudança de caráter e transformação social, da vida.
Encarnação de Deus na sociedade humana para anunciar o Reino de Deus.	Conviver e testemunhar o amor de Deus em atitudes concretas para promover a vida.
Palavra viva que Deus pronuncia como deseja.	Ser co-participante com Deus na construção do seu Reino na terra.
Comprometimento com o discipulado.	Ninguém é dispensado! É chamado insistente na prática do discipulado.

Graça para John Wesley

Mas neste assunto tem mais gente comprometida e, desta vez, na Inglaterra, do século XVIII. Movido por um sentido de vida de transformar a realidade social a partir da fé em Cristo, John Wesley (1803-1891), fundador do movimento metodista, declarou de forma convicta o significado da Graça de Deus.

A Graça é o amor incondicional de Deus manifestado a toda a criação, inclusive ao ser humano por meio de Jesus Cristo. É desejo de Deus conviver com o ser humano e ambos promoverem vida a toda criação. É interesse de Deus abençoar as pessoas e isto implica que bênção recebida é bênção a ser compartilhada. É Graça disponível antes mesmo de ser percebida, independe de qualquer esforço ou mérito próprio; mas, é passível de ser aceita ou não. É liberdade na gratuidade.

A Graça revelada

Agora num salto para trás chegamos ao I século e encontramos alguém muito especial. Um homem que ao falar de si mesmo, no sentido de sua vida, carregou em si o pulsar de muitos corpos. Desejos que afloram, sussurros e gemidos que se mesclam na ânsia pela vida. “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18-21). Palavras decisivas afirmadas por Jesus como princípio de vida, manifestação plena e visível da Graça de Deus a toda terra. Agora, mais do que nunca é Graça presente! Graça revelada desde o Antigo Testamento.

Por volta dos anos 500 a.C. dois textos que anunciaram a vontade de Deus ao povo de Israel, surgiram quase simultaneamente: Levítico 25 e Isaías 61.1-3 (também chamado o Ano da Graça) e que Jesus retomou como propósito de vida (Lc 4.18-21). Neste contexto destacam-se duas tradições: o Ano Sabático e o Ano Jubileu. No Ano Sabático a cada sete anos, decretava-se o Ano do Descanso da terra (Lv 25.1-7). Após seis anos de trabalho, o solo era deixado em repouso pelo período de um ano, e o que produzisse naturalmente poderia ser consumido pelos pobres e as sobras, pelos animais (Ex 23.11; Dt 15.2-18). No sétimo ano os escravos eram libertos (Ex 21.2ss; Lv 25.39-55) e as dívidas entre os israelitas perdoadas (Dt 15.1ss; Lv 25.35-38). Mas no 50º. ano era proclamado o Jubileu ou o Ano Jubilar (Lv 25.1-55). Além das garantias do Ano Sabático o Jubileu previa o retorno dos bens de família (terras, roças) para os seus devidos proprietários, bens que no período de 50 anos estiveram alienados (Lv 25.10). Nestas tradições a Graça de Deus apresenta-se de maneira abrangente: é Graça inclusiva. É Graça para todo mundo, ser humano e criação, literalmente: gente, animais, vegetais, ou seja, ecossistema. O Ano Jubileu declarava o desejo de Deus para toda a criação, inclusive para nós hoje.

É lamentável que ao longo dos tempos os equívocos humanos desfoquem o anúncio da Graça de Deus. Mas nossa esperança de cada dia é que a Graça de Deus... é de Deus! E Ele nos convida a sermos co-participantes no anúncio de sua Graça Preciosa.

Renilda Martins é pastora metodista na 3ª Região e coordenadora nacional de Educação Cristã da Igreja Metodista



Encontrando a Graça na Bíblia

Marcelo Carneiro

O tema da Graça está em toda parte na Bíblia, mesmo quando o termo não é mencionado. A palavra mais utilizada no Antigo Testamento é *hesed* ou *ben*, traduzida tanto por “graça”, quanto por “favor”, “misericórdia” ou “benignidade”, sempre com o sentido da disposição de Deus em perdoar, acolher e abençoar, não por méritos, mas por sua própria vontade. No Novo Testamento, a graça é basicamente tradução da palavra *kharis*, com sentido similar ao do AT. Nesse pequeno artigo queremos destacar a presença da graça na Bíblia, mesmo quando ela não é citada diretamente, pois entendemos que a Graça de Deus é a própria expressão dele, assim como a Santidade e o Amor.

A graça na criação

Gênesis 1.1 afirma que “no princípio criou Deus os céus e a terra”. Não afirma nenhum motivo especial, consequência de alguma guerra, ou crise cósmica, que tenha moti-

vado a criação do mundo. Do mesmo modo, o versículo 26 afirma a decisão de Deus criar o ser humano à sua imagem, conforme sua semelhança. Deus não precisava criar o ser humano com a capacidade semelhante a Ele de criar, imaginar ou sonhar. Mas o fez. O que motivou de fato o ato criador de Deus foi a Graça, pela qual Ele realizou uma autodoação, enchendo a criatura do seu próprio espírito, que lhe deu o fôlego de vida (Cf. Gn 2.7).

Paulo afirma em Colossenses 1.16 que todas as coisas foram criadas por meio de Cristo e para Ele. Isso significa que a doação de Deus em Cristo já estava presente na criação. Assim como Ele criou todas as coisas gratuitamente, ele se encarnou para nossa salvação de graça. É a graça de Deus que o motiva em primeiro lugar, pois faz parte de sua natureza amorosa.

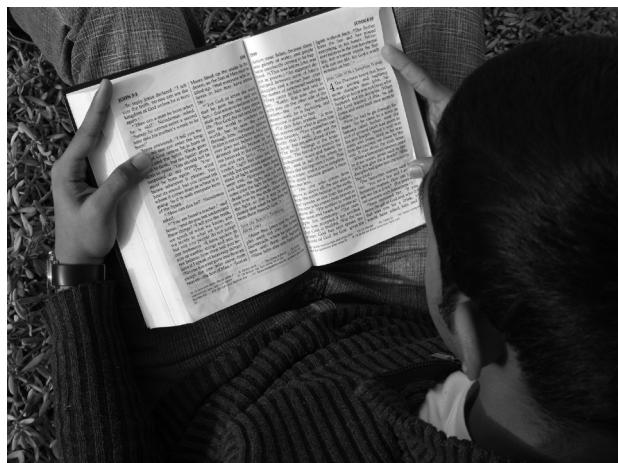
A graça na eleição

Assim como na criação do mundo, a eleição

de Israel e depois da Igreja é um ato gratuito de Deus. Não foi mérito de uma pessoa. A Bíblia, aliás, faz questão de deixar isso à mostra: Abraão deixou que sua esposa ficasse sob o poder de Faraó, porque tinha medo dele matá-lo. Para tanto, mentiu sobre o fato de Sara ser sua

rebanho de Deus, o negou por três vezes, por medo da prisão. Tomé duvidou da ressurreição, Paulo foi perseguidor da Igreja até encontrar com Cristo ressuscitado no caminho de Damasco, e por aí vai.

De fato, somos escolhidos não por nossas virtudes ou qualidades,



esposa. Moisés fugiu por homicídio antes do dia em que Deus o chamou para libertar o povo hebreu do Egito. Há inúmeros relatos de falhas de caráter por parte de grandes personagens bíblicos, muitos dos quais temos como modelo de vida cristã.

No Novo Testamento a coisa não melhora, pois Pedro, a quem Jesus chamou para apascentar o

mas como um ato livre e amoroso de Deus de nos chamar para ser seu povo, e ele ser o nosso Deus. A graça de Deus separa homens e mulheres por um ato livre do Deus que deseja que todos alcancem a salvação. Esse é o sentido da expressão diversas vezes encontradas na Bíblia: “achou graça diante de Deus” (cf. por ex. Gn 6.8; 33.13; 2 Sm 15.25; Lc 1.30; 2.40).

Graça
Preciosa

A graça em Jesus

Jesus expressou em sua vida e ensinamentos a profundidade da graça. Não precisou usar a palavra o tempo todo para mostrar que estava imerso nela e que enxergava o mundo pela lente da graça. E não somente viveu como ensinou.

No Sermão do Monte encontramos o trecho no qual ele trata da questão do inimigo (Mt 5.44-48). Ali ele mostrou que a razão de tratar todas as pessoas bem é a marca de Deus como Pai na vida do discípulo: “para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos” (v. 45). Segundo o ensino de Jesus, a graça não é exclusiva, ou seja, algo que torna o povo de Deus imune aos efeitos da vida em relação aos incrédulos, nem é excludente, pois todas as pessoas devem ser alvo de amor e do bem tratar, sem exceção.

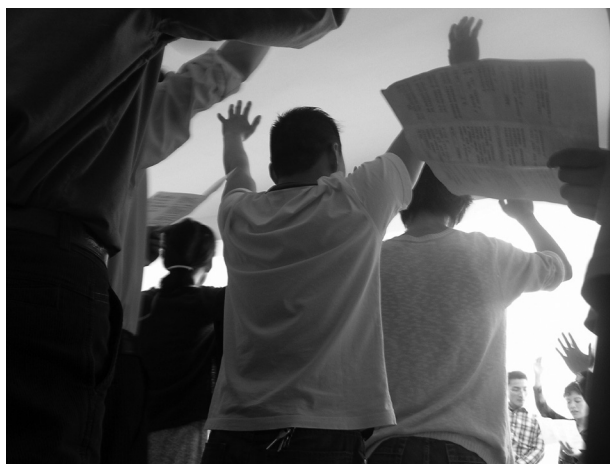
Em outro momento, Jesus contou uma parábola muito curiosa sobre os trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16). Ali ele fala de um grupo de pessoas

que foram contratadas em diferentes momentos do dia para trabalhar num campo, mas que ao final receberam todas a mesma quantia. Como era de se esperar, as que trabalharam mais tempo ficaram aborrecidas ao perceberem que ganharam o mesmo que as outras. Diante da reclamação, o contratante pergunta:

é absolutamente livre, porque não tem a ver com mérito ou qualquer coisa semelhante.

A graça na vida de Paulo

Além de Jesus, encontramos em Paulo a realidade da graça que sustenta a pessoa nos momentos mais difíceis de sua vida.



www.sxc.hu/photo/824548

“Toma o que é teu e vai-te; pois quero dar a este último tanto quanto a ti. Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?” (20.14,15) A pergunta desse homem revela que a bondade e a graça de Deus não estão sob o domínio da concepção de justiça das pessoas, mas

Ele viveu o evangelho de forma radical, e por isso recebeu especial destaque na tradição cristã. Mesmo assim, encontramos em seu relacionamento com a Igreja de Corinto momentos muito difíceis. De acordo com 2 Coríntios ele foi questionado (2.17), atribulado (7.15) e até perseguido (11.24-25). Além disso, tinha dúvidas se

a comunidade responderia a seus apelos pastorais (12.19-20).

Em certo momento, sentindo o peso do ministério que tinha sido confiado a ele, pediu que Deus o livrasse de certo “espinho na carne” (não sabemos ao certo do que se tratava). A resposta de Deus a ele foi: “Minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (12.9). Paulo experimentou o lado mais difícil da graça. Diante das situações complexas da vida, que assaltam o cristão, a graça de Deus sustenta a pessoa, mesmo se ela não ficar livre da circunstância em que se encontra.

Na verdade a graça que Paulo experimentou o ajudou a crescer, e ele afirma que os filipenses participam dessa mesma posição: “Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele” (Fp 1.29). A graça de Deus não se esvazia nem mesmo nos dias em que, ao invés de um glorioso e ensolarado dia, somos forçados a caminhar em meio à tempestade.

Marcelo Carneiro é pastor metodista na 1ª Região Eclesiástica, mestre em Teologia e coordenador do curso de Teologia do Centro Universitário Metodista Bennett, onde também é professor de Novo Testamento.

Grça
Preciosa

O preço da graça

Reflexões sobre um paradoxo a partir da teologia de Dietrich Bonhoeffer

Martim Barcala

www.sxc.hu/photo/962108

Algumas palavras sobre Dietrich Bonhoeffer

Dietrich Bonhoeffer nasceu em Breslau, Alemanha, no ano de 1908. Quando decidiu estudar teologia, seus irmãos, que julgavam ser a Igreja uma instituição sem muita importância para seus contemporâneos, tentaram dissuadi-lo. A reação de Bonhoeffer revela a força de seu caráter: “Se o que vocês estão dizendo for verdadeiro, então eu vou mudar esta Igreja”.

A confusão e a opressão que o regime nazista trouxe para a sociedade alemã, a partir de 1933, colocaram a Igreja em situações que exigiam posturas corajosas e, muitas vezes, radicais. Por isso, Bonhoeffer dedicou-se à orientação pastoral de um grupo de candidatos ao ministério da Igreja Confessante, dissidência da Igreja Alemã que não concordava com o regime nazista.

Seus escritos sobre a graça que datam desta

época, procuram discernir o significado da graça divina e alertar para o risco de tornarmos esta graça “barata”.

O barateamento da graça ou a graça como premissa

Pode parecer paradoxal uma discussão sobre o preço ou valor da graça, ou se ela é “barata” ou “preciosa”. Afinal, o próprio conceito de “graça” não exclui a determinação de um preço? De fato, a expressão “graça” pode sugerir algo que nos é oferecido sem que possamos pagar ou que nos é feito sem que tenhamos condições de retribuir. Entretanto, isto não significa que estamos autorizados a contar com a “graça” para recebermos o que desejamos, sem esforço.

Para Bonhoeffer, quando a graça divina é entendida assim, ela se torna “barata”. Ao invés de permanecer como promessa para aqueles/as que ouviram o chamado de Jesus Cristo e



arduamente o seguiram, a graça passa a ser entendida como doutrina que garante a justificação antecipada de qualquer tipo de conduta.

A “graça barata” isenta o ser humano da responsabilidade, ao invés de libertá-lo da culpa; “é a justificação do pecado e não do pecador”. É graça como premissa, isto é, como “ponto de partida” para a ação. Ora, se antes de agir o indivíduo sabe que será aceito “gratuitamente”, então o valor de sua ação será diminuído e a própria ação tornase-á dispensável.

Na perspectiva da “graça barata” não importa como o

cristão age no mundo. Seu testemunho é irrelevante; sua participação nos dilemas que afligem seus contemporâneos e na luta por justiça é desnecessária; pois a graça “faz tudo sozinha”.

Para Bonhoeffer, a graça se torna “barata” quando é “a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina de uma congregação, é a Ceia do Senhor sem a confissão dos pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, a graça sem a cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado”.

Porém, a graça divina não pode ser “barata”,

Graça
Preciosa

haja vista que custou a vida de Jesus Cristo. Assim, quais implicações a preciosidade da graça traz para a compreensão da graça divina? Como ela pode ser, ao mesmo tempo, “graça” e “preciosa”? É sobre isto que refletiremos a seguir.

A preciosidade da graça ou a graça como resultado

O valor da graça divina, de acordo com Bonhoeffer, está no fato de que Deus, em Jesus Cristo, faz pelo ser humano aquilo que ele não consegue fazer. Entretanto, isto não significa que este não deve fazer tudo que pode fazer. Nem mesmo que está liberado para fazer aquilo que quiser.

A graça preciosa é a graça entendida como resultado da ação e não como premissa. Neste sentido, a graça não diminui a responsabilidade do cristão de agir no mundo em obediência aos princípios do Evangelho. Não dispensa ninguém da luta pela justiça, mas permanece como promessa de consolo para aqueles/as que, depois de tentarem trilhar o caminho da paz e da justiça, percebem que não foram tão longe quanto deveriam; e para

aqueles/as que, depois de terem feito tudo que podiam, reconhecem que foram “servos inúteis”.

Para Bonhoeffer, a graça é preciosa porque exige de nós tudo que somos, temos ou fazemos. Mas é graça porque nos concede aquilo que, mesmo depois desta entrega total, não merecemos. É preciosa porque “nos convoca ao discipulado” e é graça “porque não nos chama a qualquer programa, mas ao discipulado de Cristo”.

Evidentemente, tal compreensão da graça traz profundas consequências para a prática cristã individual e comunitária na atualidade. Vejamos algumas delas.

Vida após a Graça

Uma das principais consequências da compreensão da graça como “preciosa”, conforme Bonhoeffer, é a valorização do mundo como lugar no qual se vive a vontade de Deus. A graça preciosa exige que o mandamento de Cristo seja cumprido no espaço do cotidiano. Isolar-se dos problemas do mundo tendo como pretexto vivenciar a graça de Deus é torná-la “barata”. Bonhoeffer afirma que “a obediência perfeita ao mandamento de Cristo deveria

acontecer na vida profissional de todos os dias”. Afirmção que, aliás, é inspirada na decisão de Lutero de abandonar o monastério – espaço que por algum tempo preservou a preciosidade da graça, mas que, nos dias da Reforma, existia como privilégio para alguns – e retornar ao mundo por entender ser ali o lugar em que Deus deseja ser ouvido e obedecido. Testemunhar a graça é envolver-se com o mundo.

Além disso, Bonhoeffer insiste no fato de que a graça preciosa não é um resultado que pode ser atingido por alguns indivíduos mais piedosos. Não se trata de um resultado humano, mas divino. Todos são chamados ao discipulado. Programas ou atividades que se dirigem ou podem ser executados apenas por aqueles que, nas palavras de Bonhoeffer, “conseguem sustentar um certo luxo piedoso que nada tem a ver com as situações cotidianas vividas pelo homem comum”, limitam a graça às possibilidades humanas e, portanto, barateiam seu valor. A graça preciosa exige, inclusive, o sacrifício do próprio “Eu” e, portanto, daquilo que é entendido ou aceito como piedade, mas que está aquém do mandamento de Cristo.

Finalmente, a compreensão da preciosidade da graça, ao exigir o sacrifício do “Eu”, indica que o discipulado é o seguimento de Cristo e não daquilo que entendemos ser piedoso. A graça preciosa não pode ser esgotada no conjunto de doutrinas de uma igreja, seja qual for. Segundo Bonhoeffer, é necessário entender que Jesus Cristo não é uma idéia, nem uma doutrina ou religião, mas é uma pessoa. Por isso, segui-lo não se resume a conhecer seus mandamentos, mas cumpri-los. Tal convicção fez com que Bonhoeffer abandonasse sua imagem de teólogo e cristão perante sua comunidade de fé, ao participar de ações polêmicas relacionadas ao atentado à vida de Hitler. Seu nome não foi incluído na lista de oração pelos mártires que sofreram sob o regime nazista, pois sua morte foi considerada, mesmo por sua própria igreja, uma consequência política – não religiosa – de suas ações. Para ele, no entanto, a separação entre fé e política não existia. A exclusão de seu nome da lista de sua igreja não significava a sua exclusão do Livro da Vida. Afinal, a graça divina é incrivelmente preciosa...

Martim Barcala é pastor metodista na 3ª Região Eclesiástica e mestre em Ciências da Religião.

*Grça
Preciosa*

Vivendo a graça de Deus dia-a-dia

Amélia Tavares C. Neves

O Rev. Johnny Dean, em seu livro *“Exasperating Grace”* [*Graça Exaltada*] conta que há alguns anos fez uma pregação, baseada na parábola dos “Trabalhadores da Vinha” (Mateus 20.1-16). A parábola ressalta a graça de Deus. Ao término do culto, ele foi procurado por um membro da igreja que lhe disse que algumas passagens bíblicas são difíceis de assimilar e ele achou esta passagem ofensiva porque não achava justo pagar a mesma quantia para quem trabalhou duro, desde as seis horas da manhã, e para quem iniciou o trabalho às cinco da tarde. Ele afirmou que Jesus devia estar errado e o pastor deveria pregar sobre algo menos ofensivo. O pastor afirma que, no domingo seguinte, pregou sobre o *Filho Pródigo*.

Um “não” à teologia da retribuição

A parábola dos Trabalhadores da Vinha revela o amor misericordioso, mas, ao mesmo tempo, é uma crítica ao farisaísmo,

cujas religiosidade estava baseada no legalismo da retribuição. A parábola mostra a grande novidade da “graça” misericordiosa e abundante de Deus. Ao ressaltar o acerto de contas no final do dia, Jesus apresenta uma nova lógica. A ação humana não torna Deus o devedor



do ser humano. O ato de Deus precede o ato do ser humano. O amor de Deus é gratuito.

O dono da vinha e patrão sai para contratar diaristas para o trabalho. Ele sai em variados horários: às seis da manhã, às nove, ao meio dia, às três da tarde e, finalmente, às cinco da tarde. Em todos

os momentos ele encontra gente desocupada, o que retrata a situação de desemprego na Palestina, no tempo de Jesus. No fim do dia, na hora do pagamento, os trabalhadores descobrem que é o mesmo para todos. Após o dia de trabalho, cada trabalhador recebe o mes-

durante todo o dia, desde seis horas da manhã.

O patrão vê toda a reação. No fundo, ele está sendo acusado de injusto. Então diz a um dos descontentes: “Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu, e vai-te; pois quero dar a este último, tanto quanto a ti.” (Mt 20.13,14). Em outras palavras: O que gerou este descontentamento? A *matemática escandalosa da graça*. Eles não podiam aceitar que o empregador tivesse o direito de fazer o que queria com seu dinheiro, pagando aos folgados doze vezes o que mereciam.

No mundo utilitário de hoje, onde as relações são construídas em termos de recompensa, esta parábola parece estar fora de lugar e contexto, mas, exatamente por este motivo, ela tem uma atualidade tremenda. Devemos aprender a viver esta relação de gratuidade.

Religião não é mercadoria

A história de Jesus não faz sentido do ponto de

mo salário: um denário, ou uma dracma por dia, o que naquele tempo dava para um chefe de família sustentar a sua casa por um dia, atendendo as necessidades da família. Os últimos contratados na frente, os primeiros lá atrás. Este pagamento igualitário gerou uma decepção naqueles que trabalharam

Graça
Preciosa

vista econômico, e essa foi sua intenção. Ele estava nos dando uma parábola a respeito da graça, que não pode ser calculada como o salário de um dia. A graça não trata de acabar primeiro ou depois; não trata de levar em conta nossos esforços. Recebemos a graça como um dom de Deus, e não por alguma coisa que tenhamos dado duro para ganhar, um ponto que Jesus tornou claro na resposta do patrão.

Os fariseus não conseguiram entender o que é a graça. A graça ultrapassa todas as nossas limitações e o nosso jeito de entender a vida. Esta foi a grande briga de Lutero com a Igreja do seu tempo. Ele acreditava na existência de um caminho “gratuito” ao amor de Cristo e da salvação, não aceitava todo aquele aparato de venda de salvação.

Ao voltar de Roma, após presenciar o “comércio de indulgências”, decepcionado com a postura da Igreja, Lutero sentia-se atormentado pelo diabo, e, em várias oportunidades acreditava que poderia conversar com o ele. Não sentia a graça de Deus na sua vida, portanto, o diabo e suas acusações eram realidades presentes. Quando nos afastamos da graça de Deus, o inimigo entra em

cena com seu legalismo e cobranças absurdas. Lutero descobre, então, a graça de Deus que revela o amor de Cristo que poderia trazer paz ao seu espírito.

Lutero descobriu algo que a Igreja de Cristo precisa redescobrir nos dias de hoje: a religião não pode transformar-se numa mercadoria, quando isto acontece, a graça sai de cena e entra a lei e suas exigências intermináveis.

Uma experiência de gratuidade

“Conta-se que havia um pequeno girassol, plantado no meio de um jardim. O pequeno girassol achava que era ele quem fazia o sol mover-se pelo céu. Não o chamavam de girassol? Pois era ele quem girava o sol, dia após dia, de nascente a poente! Que responsabilidade a sua! Ele via-se obrigado a fazer um esforço tremendo virando o rosto na direção exata que o sol deveria tomar.

Findo o dia, o girassol dizia: Outro dia com o dever cumprido. Eu sei que sem mim o sol não faria a sua rota. Mas a tarefa é dura. Para dar conta do recado eu precisaria ter

o tamanho de uma roda. Assim, não sei quanto tempo vou agüentar... Meu trabalho me mata.

Aconteceu que certo dia, alguém foi dizer ao pequeno girassol que não era ele quem girava o sol, mas era o sol que o fazia girar. Foi um grande choque. O girassol ficou arrasado, deixou pendurar a cabeça, pensou até em morrer.

Mas, na manhã seguinte, ao nascer do sol, ele teve uma experiência maravilhosa. Sentindo-se abatido, sem forças para erguer a cabeça, notou que os raios do sol o invadiam e o animavam. Sem que tivesse feito esforço algum, notou que seu rosto estava apontando para o sol. Surpreso e aliviado, ele se entregou totalmente à luz e ao calor que o envolviam.”

O girassol experimentou a graça que, segundo o *Dicionário Aurélio*, é “favor dispensado ou recebido”. O nosso mundo perdeu a característica da gratuidade, da aceitação independente daquilo que se pode oferecer em troca.

Não pelo nosso esforço...

Este foi o equívoco de Marta (Lucas 10.38-42).

Ela achou que

seria aceita por Jesus ao preparar pratos especiais, limpar a casa. Jesus estava na sua casa, mas ela perdeu a oportunidade de ser agraciada pela presença de Jesus porque estava preocupada com seus afazeres. Imaginou que, a partir das atividades, ela seria aceita por Jesus. As pessoas acham que quanto mais realizam, mais precisam realizar porque disto dependerá a sua aceitação da parte de Deus.

Precisamos aprender a depender da graça de Deus a cada dia, esta graça sustentadora e renovadora. O apóstolo João sentiu esta graça no seu relacionamento com Jesus e ele afirma no seu evangelho que recebemos “graça sobre graça” (João 1.16). Assim como “as misericórdias de Deus se renovam a cada manhã”, segundo Jeremias (Lamentações 3.23), da mesma forma, a graça de Deus se renova a cada manhã. A cada manhã, Deus nos concede um novo estoque da sua graça renovadora.

O grande problema é que estamos tão acostumados a depender de nossas próprias forças e esforço que não conseguimos experimentar a graça de Deus. Somos como o pequeno girassol, achando

Grça
Preciosa

do que do nosso esforço depende a harmonia do mundo criado por Deus.

Compartilhar a graça...

A graça divina é algo incompreensível, ultrapassa a nossa compreensão humana, assim como o salmista diz que é “o conhecimento de Deus é maravilhoso demais para ele (Salmo 139.6). A graça de Deus é tão maravilhosa que foge à nossa compreensão.

Philip Yancey, no seu livro “Maravilhosa Graça”, afirma que vivemos num mundo que perdeu a graça porque impera a ganância, a opressão, a violência, o egoísmo e a maldade. Uma coisa bonita que vemos em meio a estes sinais de des-graça é a solidariedade e o desejo de outros seres humanos para amparar, sustentar e incluir. Porém, estes seres humanos não podem oferecer a graça porque a fonte da graça é Deus. A missão da Igreja é ser “um porto de graça neste mundo carente de graça”.

Compartilho um poema que reafirma que a graça de Deus renova a nossa vida:

*Onde as mãos
se entrelaçam,
onde o pão
é partido e repartido,
onde a vida
é celebrada por meio
de um abraço,
de um olhar cuidadoso,
o amor e a graça
de Deus se fazem
presentes.
Teu amor e tua graça,
ó Deus,
São como perfume
de primavera,
que anunciam
o despertar da vida,
colorindo nossos sonhos
e nossas esperanças.
Renova-nos a vida,
retira a tinta velha,
pinta-nos com cores
novas e brilhantes,
de forma que
possamos ser teus
colaboradores e tuas
colaboradoras
no espaço onde
construímos e
reconstruímos
nossa vida.*

(Edson Ponice e
Maria Dirlaine)

Somos desafiados a experimentar a maravilhosa graça de Deus que se revela em todos os momentos de nossa vida, sempre acolhendo, amando, cuidando, confortando, perdendo, restaurando, salvando e oferecendo uma

segunda chance, mas também, somos desafiados a compartilhar esta graça neste mundo árido pela graça divina.

Viver a graça...

Há alguns anos, nossa família tem experimentado uma situação limitadora com a saúde de minha mãe, que sofre do Mal de Alzheimer. O início de todo

Descobrimos que viver a graça é descansar porque não somos responsáveis. Deus está no comando da nossa vida.

Hoje, não conseguimos fazer grandes planos porque nunca sabemos como será o dia seguinte. Então, temos aprendido a viver cada dia, sustentados pela graça de Deus. A cada dia, agradecemos a Deus a força e o sustento e pe-

www.sxc.hu/photo/517002



o processo foi muito duro, porque era difícil aceitar esta situação nova e suas limitações. Mas, aos poucos, Deus foi nos revelando que a sua graça nos bastava. Ela era suficiente para todos nós. Aprendemos a depender da graça e esta dependência tem nos fortalecido e mantido nossa sanidade.

dimos força para o dia seguinte. Experimentamos a graça que se renova a cada manhã. Não sabemos até onde esta situação vai nos levar, mas temos certeza de que a graça divina vai nos sustentar.

Amélia Tavares C. Neves é pastora metodista da 3ª Região Eclesiástica e redatora da revista Voz Missionária.

*Graça
Preciosa*

A graça de Deus no contexto contemporâneo

Luis de Souza Cardoso

A *graça de Deus da qual nos vem a salvação, é gratuita em tudo e para todos*, afirmou John Wesley. Mas, qual relevância dessa afirmação para hoje? Será afirmação apenas da esfera transcendente ou se traduz em comportamentos, gestos e ações concretas? Como o povo de Deus pode refletir, viver e testemunhar a graça hoje, na dimensão pessoal ou global?

www.sxc.hu/photo/674694

podemos dizer que fora da graça não teríamos o conteúdo do testemunho ou o estímulo ao discipulado. Portanto, é fundamental refletirmos e vivermos a experiência da graça.

Refletir a graça: um chamado

Utilizamos os termos *refletir* e *reflexão* como pensamento, entendimento e compreensão da nossa relação com o amor de Deus e como *reflexo* do amor divino ao mundo e a toda criatura. Theodore Runyon expõe que Wesley considerava o *ser humano como aquele que recebe o amor de Deus e depois o reflete a todas as outras criaturas*, ou seja, chamado a **refletir ao mundo a graça que recebeu e assim mediar a vida de Deus ao resto da criação**.

No atual contexto sociopolítico e econômico torna-se urgente aos cristãos, em reconhecimento à vida humana e toda a criação como dádivas divinas carentes de restauração, refletir e viver a graça, como na expressão de Jesus, a respeito da lâmpada que uma vez acesa deve ser colocada no lugar mais alto

da casa, para iluminá-la toda (Mt 5.14-16).

Podemos identificar múltiplos desafios que clamam e exigem a reflexão pessoal e global da graça de Deus, que resultem em resposta de amor a Deus, ao outro e a toda criação.

Superar a lógica do mercado...

Uma característica deste tempo é a predominância da economia de mercado. Praticamente tudo adquire valor de troca e assim se torna mercadoria, inclusive a vida, as relações e a própria experiência religiosa.

Não existe almoço de graça (there's no such a thing as a free lunch). Essa tese difundida por Milton Friedman (economista da Escola de Chicago) perpassa as experiências sociopolíticas e econômicas no mundo contemporâneo. Ou seja, tudo tem custo, valor e preço, portanto, é passível de trocas mercantis.

Àqueles a quem neste mercado nada mais restou para trocar, que sobrevivem nas franjas da socie-

dade, resta-lhes somente negociar a própria vida (que virou mercadoria) ou então perecer. Fica uma sensação, embora não verdadeira, de que não há mais gratuidade ou de que a graça se esvaiu do mundo atual. Diante dessa lógica perversa, infelizmente, muitas vezes nos tornamos insensíveis e indiferentes, inclusive nós os cristãos.

Bernardo Kliksberg (economista e sociólogo) e Amartya Sen (Prêmio Nobel de Economia em 1998) têm chamado atenção para a urgente necessidade de recuperação do relacionamento entre ética e economia, desvirtuada dos seus propósitos mais profundos. Economia significa norma na organização da casa (*oikos + nomos*); dessa raiz deriva também ecumênico (*oikoumene*). Ou seja, palavras que traduzem preocupação, interesse e empenho no bem-estar, encontro, fraternidade, felicidade e espaço comum para todos. Evocam e convidam à reflexão e à vivência da graça de Deus, ao testemunho do amor incondicional. Porém, a economia regida pelo

Grça
Preciosa

mercado tornou-se fonte de desgraças (o prefixo *des-* significa separação, ação contrária, negação ou privação), anti-vida e contradição da gratuidade da graça de Deus.

Em recente conferência na Associação Internacional de Escolas, Faculdades e Universidades Metodistas, Kliksberg relacionou uma série de dados da ONU, que classificou de *escândalos éticos*, como desgraças do mundo contemporâneo que estão a clamar pela reflexão e vivência da graça de Deus:

Fome: embora o mundo hoje seja capaz de produzir alimentos para o dobro de sua população, há cerca de três bilhões de pessoas abaixo da linha de pobreza (ganhando menos de 1 dólar/dia *per capita*), 1,2 bilhões sofrem pobreza extrema e 865 milhões estão desnutridas;

Contradição da água: o ser humano necessita cerca de 20L/dia de água limpa; o europeu utiliza 200L e o norte-americano 400L/dia *per capita*; nessas regiões perde-se por dia, com vazamentos ou desperdício, água suficiente para abastecer um bilhão de pessoas; 1,1 bilhão dispõem *per capita* apenas

5L/dia de água suja ou contaminada; essa água é a segunda *causa mortis* de crianças, vitimando 1,8 milhões por ano;

Falta de saneamento básico: 2,6 bilhões não dispõem de instalações sanitárias; a diarreia infantil é três vezes maior em comunidades sem saneamento adequado;

Doenças ligadas à pobreza: pneumonia mata três milhões de crianças menores de cinco anos por ano (os antibióticos para tratar custam 30 centavos de dólar *per capita*); malária mata dois milhões de crianças e mães por ano (um mosquiteiro, que pode reduzir o risco de contágio em até 60%, custa cerca de cinco dólares); sarampo mata 240 mil crianças por ano (a vacina custa 33 centavos de dólar *per capita*); a Noruega produziu um pacote completo de vacinas a 20 dólares *per capita*;

Um tsunami silencioso: considerando que o *tsunami* na Ásia (dez/2004) resultou 280 mil mortes, podemos afirmar que enfrentamos a cada 36 dias um *tsunami* silencioso, mas, que vitima somente crianças; a cada ano morrem 10 milhões de crianças

vítimas de causas ligadas à pobreza, desnutrição e insalubridade;

Armamentismo: os gastos mundiais com armas em 2007 foram de 1,3 bilhões de dólares; 6% a mais que em 2006; isso significa 190 vezes mais do que os países ricos prometeram recentemente (jun/2008) na cúpula da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação), para evitar a crise alimentar nos países pobres;

Brutal desigualdade econômica: os 20% mais ricos na população mundial, detêm 85% do PIB mundial e 90% do crédito mundial; aos 20% mais pobres resta apenas 1% do PIB; os 10% mais ricos detêm 85% do capital mundial e os 50% mais pobres apenas 1% desse capital.

... e afirmar a graça salvadora de Deus

Diante dessa realidade complexa, retornamos às questões iniciais: da relevância da afirmação da graça; da tradução em comportamen-

tos, gestos e ações; e de como refletir, viver e testemunhar a graça hoje.

Como na expressão de Jesus, “asseguro-vos que se eles se calarem, as próprias pedras clamarão” (Lc 19.40), é imperativo a nós, hoje afirmar a graça salvadora de Deus e o Seu amor incondicional para toda a humanidade e a criação, que geme e clama no sofrimento das contradições do tempo presente.

É absolutamente relevante e necessário tal testemunho. Porém, é preciso ir além disso, refletindo esse amor e graça, traduzindo-os concretamente na solidariedade, no pastoreio e na restauração da vida. A Igreja deve constituir-se como comunidade terapêutica e de resistência à lógica perversa desse mundo, reafirmando que em Cristo a vida plena é dada gratuitamente a toda criação. Nossa reflexão, vivência e testemunho da graça devem, ao mesmo tempo, corresponder a Deus e traduzir o Seu amor com gestos concretos diante dos sistemas de dominação e morte que oprimem o ser humano.

Luis de Souza Cardoso é pastor metodista da 2ª Região Eclesiástica e diretor-superintendente do Conselho Geral das Instituições Metodistas de Educação (Cogeime)

Grça
Preciosa

Discipulado e Graça: “o estilo ministerial de Jesus”

Nelson Luiz Campos Leite

Ouvimos muito falar a respeito do Discipulado. Há vários tipos, formas e fundamentos do Discipulado (também chamado de células, grupos familiares, Encontro...). Quando começamos a refletir sobre o Discipulado na Igreja Metodista o fizemos sem intenção de reagir a qualquer movimento já existente e nem criar um modismo para a vida da Igreja. Ele não seria mais um Programa visando animar, dinamizar, fazer a Igreja a crescer. Algo mais sério estava na mente da Igreja, do Colégio Episcopal e do Grupo Nacional do Discipulado. Refletimos muito e nos reunimos diversas vezes, antes de darmos a fundamentação que consideramos coerente com a Palavra divina e a tradição wesleyana.

Discipulado como resultado da graça

Antes e acima de tudo, o Discipulado foi avaliado como o “Estilo de Vida e do Ministério de

Jesus”. Lemos e relemos os Evangelhos, avaliamos alguns filmes (eu pessoalmente) e não havia uma outra conclusão. Descobrimos que há uma relação e interação entre Graça e Discipulado. Cristo é a Encarnação da Graça Divina. O Seu Ministério é todo Graça.

Como é difícil para os cristãos e os não-cristãos compreenderem a plena dimensão do que significa “Graça”, gratuidade, oferecimento, recepção, acolhimento e confiança. Na mente humana sempre há uma “estrutura de compensação”, quitação, pagamento, sacrifício a Deus. Tudo isso dificulta compreender a “Graça de Deus” que se manifesta salvadora a todas as pessoas, educando-nos e transformando-nos para vivermos no presente século de forma sensata, justa e piedosa e cultivar a bendita esperança do retorno do Senhor Jesus. Essa vida no presente, com sensatez, justiça e piedade é fruto da Graça, dom divino (cf. Tito 2.11-13).



www.sxc.hu/photo/1072441

Discipulado não pode ser modismo

Tanto na Palavra de Deus, como na tradição wesleyana, o Discipulado está intimamente relacionado com a Graça, à luz do tema “De graça recebeste, de graça dai”. Infelizmente o que temos visto em muitos movimentos de Discipulado é a falta desse “foco” na Graça divina. Ele tornou-se um “instrumento de fazer a Igreja a crescer”, de “subjugar e manipular líderes e pessoas”, “de se tornar mais um modismo eclesiástico”. Não é aqui que está fundamentado a compreensão do Discipulado na Igreja Metodista.

O tempo presente está calcado na “competitividade”, no autoritarismo e na submissão. O subjetivismo e o sensorismo têm sido priorizados na maneira de ser e nos sentimentos dos crentes. No contexto social vivemos um exacerbado “egocentrismo” e um extremo “personalismo”. O sucesso, o status e a posição social são grandes motivadores. O forte, o belo, o prazeroso é que devem ser buscados. Há muito modismo em tudo... com tempo contado, pois tudo se torna “descartável”. Os “modismos” ocupam a mente, os objetivos e a forma de ser das pessoas, da família, do comportamento humano e dos grupos sociais, inclusive a Igreja. No bojo de tudo

*Graça
Preciosa*

isso há o esforço humano, as conquistas, o desempenho, as virtudes pessoais e os valores hierárquicos.

Esses valores e expressões contradizem a centralidade do Evangelho na Graça, em especial em Jesus de Nazaré, o Cristo.

A Graça e o Discipulado estão centrados na Palavra divina, em especial nos Evangelhos e nas cartas pastorais. Acima de tudo é a pessoa de Jesus o nosso referencial e, a partir, de Sua Ressurreição, vem do Ministério Apostólico.

Como metodistas, fundados na Graça divina, conforme forte ênfase wesleyana, vemos na experiência das sociedades, nas classes e nas bands, no século XVIII, a gênese do Discipulado metodista – todo ele fundado na Graça divina.

Essa foi marca significativa e característica do “movimento wesleyano”. Portanto, resumidamente, temos a “fonte” do que para nós é o Discipulado.

O Discipulado para a Igreja Metodista não é:

- * Um método
- * Um Programa
- * Uma disciplina
- * Um modelo de crescimento
- * Uma forma de ser Igreja
- * Mais um modismo
- * Um movimento centrado e sob a dominação de um líder

O Discipulado é:

- a) Um estilo de vida e uma forma de ser da Pessoa e do Ministério de Jesus
- b) Um “estilo de vida” relacional, fraternal, comunal, onde a convivência, a comunhão, o auxílio mútuo, o amor, o perdão. Levar os “fardos uns dos outros, conforme toda uma orientação bíblica, uma tipologia de vida expressa por Cristo e pela Igreja Primitiva
- c) Uma dinâmica piedosa onde a adoração, o louvor, a oração, o estudo da Palavra, o compartilhar, interceder uns pelos outros. A vigília e o jejum tornam-se não uma forma de conquista perante Deus, mas uma expressão grata, amorosa e servil da pessoa e da Igreja à Maravilhosa Graça Divina.
- d) Um estilo de vida onde se busca “seguir a verdade, a honestidade, a transparência, a nossa realidade e necessidades; crescer, em todas as coisas e dimensões, em Cristo. Uma busca de maturidade cristã que flui da graça e da presença viva do Espírito Santo
- e) Tudo isso requer uma reavaliação de existência e caminhada, da forma de Ser Igreja e um rever

quanto ao Ministério Pastoral, pois essa forma de discipulado leva-nos a uma “Nova Forma de Pastoreio”, inclusive um pastoreio onde interagem a família pastoral, o pastoreio de pastores e de pastora e a forma pastoral de toda a comunidade da fé

- f) Mesmo havendo diversidade, múltiplas formas de ministérios, conformes os dons, a graça nos conclama e dirige para a “unidade fundamental do corpo de Cristo”, a Sua Igreja, ao desenvolver o Discipulado; fato que não tem sido constante em muitos ambientes de Igrejas Evangélicas.
- g) Finalmente, cremos que o Discipulado, como fruto da graça, torna-se “uma nova estratégia”: humana, sensível, amorosa, engajada, realista, holística... de cumprimento da Missão de Cristo através da Sua Igreja. É claro que haverá crescimento em qualidade e em quantidade, mas um crescimento orgânico, vital, maturo, integrado viabilizado pela Graça que possibilita a cada um vivenciar os seus Dons e Ministérios e a testemunhar em plenitude a ação do Espírito em nossas vidas, entre

nossas vidas e at-

ravés de nossas vidas. Isso significa: vivenciar já, no presente tempo, a presença do Reino de Deus, seus signos e frutos junto das pessoas, das famílias, dos grupos sociais, da Igreja, da natureza e da História.

Por fim...

Sabemos e estamos conscientes de nossas diferenças na maneira de ver e interpretar o Discipulado. Essa realidade nos conclama, através da Graça divina, sob a unção do Espírito Santo, a melhor nos conhecermos, nos compreendermos, nos aceitarmos, dialogarmos sobre as nossas diferenças, buscar os espaços “em comum”, visando à nossa Unidade na essencialidade.

Este é o nosso momento! À luz da Palavra e com submissão a Cristo somos chamados a “Ir (Indo), por todo o mundo, fazendo discípulos em todas as nações. Batizando-os, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt. 28.20).

Nelson Luiz Campos Leite é bispo honorário e coordenador nacional de Discipulado da Igreja Metodista

*Grça
Preciosa*

A sociedade contemporânea e a Teologia da Graça

Luiz Carlos Ramos

Discutir o tema da graça, hoje, é entrar em rota de colisão com os rumos da sociedade contemporânea, pois sua essência, o mercado, é justamente o oposto da graça. Se a proposta cristã se fundamenta na convicção de que a fé/salvação “não vem

é a formulação pelo avesso do valor-da-vida. Nesse contexto, anuncia-se um evangelho às avessas: um evangelho da representação espetacular (e por isso mesmo, invertida) mediada pelo deus-mercado. Essa representação/imagem invertida do real, da vida, do evangelho, como

o reino de Deus e a sua justiça” (cf. Mt 6.33), sem a preocupação ansiosa com as demais coisas, uma vez essas seriam acrescentadas naturalmente como consequência do compromisso com o reino. Ao contrário, os que professam o evangelho segundo o mercado abrem mão da teocracia e da justiça evangélicas, pois sua busca essencial se desloca do foco proposto por Jesus de Nazaré, de tal forma que o que importa, na sociedade espetacular, são, principalmente, as “demais coisas”. Quanto ao reino, talvez este seja acrescentado, se de fato o for, como brinde adicional.

Essa mentalidade fica explícita no tipo de apelo que se faz para motivar os fiéis-espectadores a assistirem a certos programas religiosos espetaculares, prometendo: a cura para doenças do corpo; a solução de conflitos familiares; a obtenção de bens materiais; a conquista de postos de trabalhos e lugares de proeminência; etc.

Todas essas “graças” podem ser adquiridas a preços nada módicos, considerada a contrapartida exigida

do fiel. Este se submete resignadamente, pois já assimilou/introjetou a idéia de que tudo no mercado exige uma cota de sacrifícios econômicos e simbólicos.

Com esse propósito são realizados muitos atos religiosos-com-efeito-civil nos quais são firmados os contratos-de-compra-e-venda dos produtos da fé. Entretanto, não há entrega-garantida do produto adquirido, muito embora essa aquisição tenha sido feita com tanto sacrifício. A obtenção da “graça” ambicionada pelo fiel — a recuperação da saúde ou a solução de determinados problemas —, dependem de um fator muito subjetivo, cujo ônus recai inteiramente sobre o fiel-consumidor, pois, segundo essa ideologia, o sucesso do investimento depende do tamanho da fé do “fiel-consumidor”. Em outras palavras, a “garantia” não é dada pelo fornecedor — “La garantía no soy jo!” —, mas delegada ao próprio consumidor.

Assim, se o fiel não obtém a cura esperada, além da enfermidade, terá que suportar o pejo de ser tido

de vós; é dom [=graça, gesto gratuito] de Deus” (Ef 2.8), o mercado se apóia na idéia de que tudo tem um preço e de que, portanto, tudo pode ser considerado/tornado mercadoria (precificado/valorizado, no sentido de lhe ser atribuído valor ou preço comercial).

Considerar a vida-como-valor/mercadoria

em espelho, é o principal produto da sociedade espetacular (termo derivado da expressão latina *speculum* = espelho).

Ora, se o maior princípio do evangelho é a graça, o da mercadoria, por sua vez, é o preço. Daí que, para o evangelho-mercadoria, já não vigora mais o princípio de que se deve “buscar primeiro



www.corbis.com.br/RF-4776362

Graça
Preciosa

como uma pessoa sem fé, ou, pior, de ser considerado indigno da “graça” Deus — que, segundo essa mentalidade, não é absolutamente de graça.

É recorrente, entre os pregadores do evangelho-segundo-o-mercado, a pregação de que “Deus não atende às nossas orações se tivermos alguma *pendência* com ele, se não estivermos *quites* com ele”. Como se fosse possível alguém estar *quites* com Deus.

A teologia da graça evangélica — pregada por Jesus de Nazaré e seus seguidores, reforçada pelos doutores e pais da Igreja, resgatada pelos reformadores, problematizada e apresentada de forma desafiadora por teólogos contemporâneos (tal como o fez Dietrich Bonhoeffer) —, repetindo, essa graça é hoje cooptada e deturpada pela ideologia globalizadora do mercado divinizado.

Tal ideologia se apropria de termos clássicos da teologia cristã, tais como o termo “graça”, de tal modo que tudo que lhe resta é o *significante* com-

pletamente esvaziado do seu *significado* original (a embalagem é a mesma, mas o conteúdo é outro).

Fazer teologia evangélica autêntica (real) na sociedade contemporânea espetacular (virtual) é fazer a opção pela proscrição. Isso porque o mercado é pródigo, isto é, generoso, esbanjador, quando se trata de *exclusão*, mas severo, sovina, “pão-duro”, quando se trata de *inclusão*. O mercado é absolutamente intolerante e inquisitorial para com aqueles que não professam a fé no seu *DEUS*.

Dois mil anos de teologia, de pregação e de estudo das Escrituras, pouco resultado obtiveram na autocompreensão do povo de Deus sobre esse grande mistério: a teologia da GRAÇA de Deus. Poucos são os que de fato confiam na promessa bíblica: “A minha graça te basta” (2Co 12.9).

A GRAÇA continua a ser a maior utopia evangélica.

Luiz Carlos Ramos é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião e professor de Liturgia e Homilética na FaTeo.



img.ohares.com/data/big/203/2039516.jpg

Grça
Preciosa

Hospedar, acolher, incluir!

A propósito de Gênesis 18.1-15

Magali do Nascimento Cunha

Poderíamos meditar sobre muitas mensagens que este texto de Gênesis 18.1-15 traz: (1) a promessa de um filho a um casal idoso – o Deus que torna possíveis os impossíveis; (2) a perseverança que resulta da crença na promessa mesmo diante das dificuldades; (3) a risada de Sara ao ouvir (escondida) a promessa (falta de fé? Deboche? bom uso da razão?) e a escolha do nome do filho que se torna realidade com base nesta atitude; (4) a situação da mulher que é alvo da promessa mas não participa plenamente de todo o processo – tem que ouvir escondida; (5) a hospitalidade de Abraão e Sara, acolhendo estranhos em sua tenda com todas as honras...

Eu convido, então, a seguirem comigo na reflexão sobre esta última abordagem, tão necessária em nossos tempos: a hospitalidade e a acolhida do forasteiro, do estranho.

O relato

No relato de Gênesis há uma visita inesperada

– três homens chegam enquanto Abraão estava tomando uma fresquinha no maior calor do dia. É nesta hora certamente inapropriada, de descanso, que os três estranhos chegam.

Interessante que eles não pedem nada – é Abraão que vai até eles oferecer acolhida. Ele tinha certeza que os homens estavam cansados, sujos, com sede e com fome. E ele oferece alívio para tudo isto: oferece descanso, água para se lavarem, água para beber e comida fresquinha.

Abraão não deixa por menos – prepara tudo com detalhes, oferecendo o melhor que tinha. Ele oferece água e pão mas dá mesmo é um grande banquete, com novilho, qualhada e tudo o mais. Engraçado é que tudo dá a entender que os estranhos é que fazem o favor de aceitarem o que ele tinha para oferecer.

Para nós, que vivemos num mundo em que cada um cuida de si e cada vez mais se fecha na sua casa, desconfiança de todos os desconhecidos,

chega a ser engraçada a ansiedade e a forma como Abraão se esforça, se desdobra para acolher os estranhos.

Na verdade, Abraão estava fazendo o que ele aprendeu da cultura dos povos do oriente, especialmente os povos nômades, que eram eternos estrangeiros, peregrinos, estranhos em lugares sempre diferentes. Isto está na própria história do povo chamado hebreu – os habiru ou, peregrinos, aqueles que atravessam permanentemente fronteiras em busca de vida.

Deus mesmo chama Abraão para sair da terra dele e se tornar um peregrino. Deus promete abençoar todas as famílias da terra por intermédio de Abraão mas para isso torna Abraão um estrangeiro, um peregrino, que tem que atravessar muitas fronteiras para alcançar a promessa de Deus.

Abraão então aprende que os peregrinos, os habiru, são alvo da ação de Deus. Deus caminha com eles. O estranho, os de fora, são incluídos na comunidade de Deus. Portanto,

acolher o forasteiro, o peregrino, o estranho, é o mesmo que acolher o próprio Deus. Abraão aprendeu isto e o valor da prática da hospitalidade. Por isso age assim. Jesus lembrou os discípulos disso quando, segundo o relato do Grande Julgamento, em Mateus 25, disse: “era forasteiro e me hospedastes”... “quando? perguntaram os justos”... “todas as vezes que o fizestes a um dos meus pequeninos a mim o fizestes”...

Abraão e Sara prepararam um enorme banquete para reafirmar que hospitalidade anda junto com o ato de comer juntos. Comer juntos, partilhar da mesma mesa é o ato mais significativo de convivência na maior parte das culturas. É expressão de comunhão, de convivência, de partilha da vida, do que temos, uma experiência de gratuidade!

Uma experiência

Uma das experiências mais marcantes da minha vida aconteceu em 1987, numa roça próxima a Três Lagoas, Mato Grosso do

Sermão

Sul. Participava de um curso ecumênico e parte do programa incluiu visitas a comunidades de base espalhadas pelo Brasil. Fui para Três Lagoas e tive a oportunidade de visitar várias comunidades de base da Igreja Católica. Muitas na roça. Gente muito simples e muito pobre que vivia das plantações ou trabalhando com gado, muitas famílias arrendando terras de grandes fazendas. As visitas eram de surpresa mas éramos sempre recebidos com alegria. Eu e meus dois companheiros de curso éramos guiados por dois leigos e um padre. Cantávamos, fazíamos oração, éramos apresentados, e seguíamos adiante.

Lá pela quarta parada, numa casa, chegamos no horário de almoço. Eu perguntei meio sem graça a meus companheiros se era conveniente chegarmos à casa naquele horário, já que as visitas eram de surpresa. Lembrei da minha mãe: “Magali, nunca chegue na casa das pessoas na hora do almoço ou da janta sem ser convidada...” E ainda tinha a fato de as pessoas serem pobres e ficarem constrangidas de terem cinco pessoas chegando

na hora do almoço e terem que ficar se desculpando de não terem o que oferecer...

O pessoal disse: “não, o que é isso... vamos, sim, eles vão ficar felizes... vamos lá, sim”. E aí, não deu outra: chegamos, a família estava à mesa comendo. Uma casa de madeira, bem simples, a mulher, o esposo de meia idade, um outro homem adulto, uma menina adolescente, um menino pré-adolescente e um menino bem pequeno de uns três anos. Na verdade quem estava à mesa eram os adultos – a menina lavava louça e os meninos estavam sentados no chão.

Pararam de comer, nos cumprimentaram e falaram “sentem, comam com a gente!”. Olhei para a mesa não vi comida – cada um tinha o seu prato feito. Nem sei o que comiam – fiquei com vergonha de ficar olhando. Tinha umas duas panelas no fogão... Fiquei muito constrangida com aquela situação. Pensava: “meu Deus, estamos criando problema para essas pessoas!”

A verdade é que elas não pareciam nada constrangidas. Abraçavam a gente e repetiam “sentem! Vocês

ainda não almoçaram né? Comam com a gente.” E o padre e os irmãos da igreja nem falavam “não precisa... vamos almoçar já...” – eles rapidamente aceitaram o convite e se sentaram. Falei baixinho com um dos irmãos: “não é chato?” O irmão disse, fique tranquila, não tem problema.

Eu vi a mãe chamar o menino pré-adolescente e cochichar uma coisa com ele e ele saiu. A mãe foi para o fogão e começou a preparar um arroz. A conversa corria alegre! Eram trabalhadores rurais – não lembro mais o que plantavam. Mas contavam da plantação e falavam de uma programação da igreja. Contavam histórias dos vizinhos. O padre falava de coisas lá da cidade, citavam pessoas conhecidas. Nós, visitantes, falamos um pouco. Contei do Rio, da Igreja Metodista. Falamos do curso. Todos ouviam com interesse e faziam perguntas.

Daí um tempo, voltou o menino. Ele trazia numa das mãos uma vara e na outra uma meia dúzia de peixes – tinha ido pescar no rio, que depois eu vi, ficava pertinho da casa.

Pescou para nos alimentar! A mãe

disse: “Vê se a gente ia deixar vocês sem comida!”. Em menos de uma hora estávamos comendo arroz com peixe. O maior banquete que comi na vida!!

<http://www.vilakostkaitaici.org.br/fotos/Filho%20Pr%F3digo1.jpg>



Nunca esqueci disto e da família que nos alimentou com tanta alegria e criatividade. Aquelas pessoas de quem eu nem lembro o nome (certamente elas também não lembram do meu) acolheram Deus

Sermão

na sua casa naquele dia e acredito que continuam acolhendo...

O perigo

Mas precisamos lembrar que tem o contrário – evitar partilhar a mesma mesa. Isto também tem forte significado para se estabelecer quem conta e quem não conta, quem entra e quem não entra, com quem posso conviver e com quem não posso.

Aprendemos com a Bíblia que o próprio povo de Israel estabeleceu práticas e costumes que passaram a privilegiar a pureza, a separação, o que resultou na rejeição dos estrangeiros, dos estranhos, dos forasteiros, como fontes de “contaminação”. Esqueceram que seguiam ao Deus dos “habiru”. Conviver? Melhor evitar. Comer juntos? Nem pensar! Daí o papel dos fariseus, dos legalistas.

Por isso foi necessário redigir vários textos que estão na Bíblia para lembrar a necessidade de amar o estranho, o estrangeiro (segundo aprendemos com o teólogo Inderjit Bhogal este registro aparece nos textos bíblicos 37 vezes),

inclusive, este relato da hospitalidade de Abraão aparece nesse contexto.

Por isso foi necessário também que os evangelistas relatassem das tantas vezes que Jesus comeu na casa das pessoas, muitas consideradas “estranhas” e registrassem o pedido de Jesus de que uma mesa de alimentos fosse a memória dele.

Não foi com legalismos que Abraão e Sara receberam os três estranhos. Eles receberam com alegria. Eles prepararam o melhor e os três estranhos partilharam da mesa deles. E é da partilha da mesa que vem a promessa.

No relato, depois estes homens são revelados como “anjos” – um deles é chamado de “O Senhor”. O relato está nos dizendo isso: ao acolher o Outro, Abraão estava acolhendo o próprio Deus, o totalmente Outro. Abraão acolheu o outro, incondicionalmente, como Deus é. E na partilha do alimento está a partilha da vida.

O desafio

Fica a mensagem para nós, como igreja hoje, seguidores deste Deus, o total-

mente Outro, o Incondicionalmente Outro. Que chama peregrinos, estrangeiros, forasteiros, para serem o seu povo.

Quem é o outro hoje? Quem são os peregrinos, estrangeiros, forasteiros que carecem da nossa acolhida?

Vivemos num mundo de muito individualismo e desconfiança. Aprendemos a conviver apenas com aqueles que nos dão segurança e nos fazem sentir bem. Na maior parte das vezes, quem é como a gente. Este é o mundo que reproduz os legalismos do passado – da seleção, da exclusão, da separação. Quem conta e quem não conta neste mundo? Com quem vale e com quem não vale a pena conviver? E aí tem muita gente que se torna forasteira, estrangeira em sua própria terra... Moradores das favelas, os sem-terra, os indígenas, mulheres sozinhas, dependentes químicos, homossexuais, as pessoas idosas, as pessoas que têm a pele colorida, pessoas desempregadas, pessoas com deficiência, pessoas que vivem diferentes

formas de cultivar a fé, catadores de lixo, pessoas contaminadas com HIV...

O problema é que muitas vezes as igrejas reproduzem esta exclusão/separação/seleção. Ouvimos por aí interpretações de quem conta e quem não conta para Deus; pregações que demarcam distinções entre “Filhos de Deus” e “Criaturas”; cumprimentos como “A paz do Senhor aos irmãos e boa noite aos visitantes”; pregações e canções que indicam quem é e quem não é vencedor!

Mais do que nunca, para sermos fiéis à vontade de Deus, nossas igrejas precisam ser não só comunidades de acolhida, hospitaleiras, mas comunidades inclusivas. Quem Deus inclui na sua comunidade, precisa ser incluído na comunidade da igreja. Isto é parte da Missão! As nossas mesas têm que servir todas as pessoas e, como Abraão, não temos que esperar que elas nos peçam um lugar – nós é que temos que convidar! E já...

Magali do Nascimento Cunha é leiga metodista na 3ª Região Eclesiástica, jornalista e professora da FaTeo na área de Teologia Pastoral.

Sermão

A Igreja Metodista e a defesa dos Direitos Humanos

Cleber Lizardo “Kebel” de Assis

Foi matéria divulgada na imprensa local: após diversas denúncias de fatos ocorridos numa Vila chamada PTO, município de Contagem/MG, as autoridades convocaram a Comissão Pastoral de Vilas e Favelas, a Comissão Pastoral de Direitos Humanos de Contagem, a Ouvidoria Pública, o Ministério Público, bem como o Comando de Policiamento e o Fórum Mineiro de Direitos Humanos.



A reclamação de moradores e lideranças comunitárias era que a Polícia Militar sempre fazia “batidas” na Vila nem sempre respeitando a critérios como legalidade e

os direitos fundamentais dos cidadãos; as denúncias falavam de invasões de casas durante o dia e a noite, chegando a arrombar portas quando os moradores se encontram dormindo; também foram apontados casos de espancamento e agressões verbais a moradores. Assim, numa tarde foi realizada uma audiência pública naquela vila.

Outros olhares além da matéria jornalística

O endereço da reunião da audiência era o templo da Igreja Metodista, única igreja naquela comunidade e local, onde funciona o Projeto Raio de Luz, da rede Sombra e Água Fresca, projeto social atende crianças e adolescentes de 6 a 14 anos em atividades integradas visando seu desenvolvimento integral, inclusive psicológico, social, espiritual e político. São crianças e adolescentes que tem sua dignidade violada desde ao nascer, com forças diversas invadindo seus direitos, violentando sua infância e comprometendo

seu futuro.

A Vila PTO é apenas um microcosmo, um exemplo de tantos outros locais de sofrimento; o fato denunciado também apenas mais um dentre os destacados nas mídias; mas o Projeto Raio de Luz oferece resistência em acolher aqueles/as pequeninos/as, em oferecer-lhes direitos humanos como “sombra e água fresca”.

Credo Social, Declaração Universal dos Direitos Humanos e Estatuto da Criança e do Adolescente

Esses importantes documentos estão complementando seus respectivos 100, 60 e 18 anos em 2008, celebrando avanços, mas também exigindo profundas reflexões sobre os limites encontrados no seu cumprimento.

Graças à beleza da novel democracia brasileira, temos a efervescência de movimentos, fóruns e conselhos de direitos e reivindicação, participativos

e organizados pela sociedade civil, cumprindo um papel fundamental na formulação e fiscalização de políticas públicas para segmentos diversos em situação de vulnerabilidade social.

No entanto, as instituições religiosas, mediadoras históricas do Sagrado deveriam repensar suas teologias e práticas, não a partir de uma divindade fria e distante, mas pela sensibilidade ao humano em suas aspirações de transcender; deveriam basear-se numa ética de cuidado por todo o mundo habitado (ecumenicidade) e não meramente por interesses pequeno-institucionais.

Se por um lado temos organismos ecumênicos que se esforçam para essa articulação, temos retrocessos institucionais de intolerância, levando inclusive denominações religiosas históricas a se evitarem, fazendo predominar no meio religioso a mesma lógica da concorrência capitalista desleal.

Outro dilema por que passam alguns segmentos religiosos é o contra-senso de, ao invés de refletir e provocar a criação e a

Missão

defesa de direitos humanos, e serem de fato sal da terra e voz dos que apenas gemem, se oporem às diversas manifestações sociais e jurídicas de defesa da dignidade humana: nenhuma formulação teológica periférica e conflitante às reivindicações humanas pode ser maior que o princípio do amor e da dignidade humana.

Esses espaços sim, conselhos, fóruns, movimentos sociais e entidades, mesmo sem rituais, possuem mística própria e se constituem em verdadeiras religiões e espiritualidades inclusivas, ecumênicas e de efetivo *religare* ao Sagrado, pois são elas que conseguem o milagre da sinergia das diferenças dos credos, cores, idades, classes, sexos e formações para a produção de novos saberes e práticas libertadoras e emancipadoras do ser humano.

Algumas pistas e provocações

Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, os diversos segmentos sociais e a sociedade civil foram desafiados a uma participação efetiva no país, se co-responsabilizando junto com o Estado na elaboração, no

controle e no cumprimento das políticas públicas.

Além das entidades e ONG's de diversos formatos, o cidadão e cidadãos brasileiros podem integrar esses diversos segmentos, sobretudo as igrejas que são desafiadas a se integrem nesse envolvimento, articulados a uma forma de rede para se constituem atores decisivos na tão sonhada justiça social.

Nos Conselhos Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente são definidas as políticas municipais para o público infanto-juvenil; também existem as frentes e fóruns, seja pra defesa de determinado público ou integrando entidades atuantes: representantes das entidades e projetos da Igreja Metodista têm a obrigação de participar nesses espaços.

Em diversos municípios, principalmente nas capitais, já foram criados os fóruns e conselhos de direitos humanos, articulando diversas pessoas, entidades e organizações que atuam na defesa de direitos de diversos públicos, e se esses não existem, podem ser criados. Em Minas Gerais, criamos o Fórum Mineiro há poucos anos e já estamos organizando o Comitê Estadual de Educação de Direitos

Humanos, que atuará ao nível de todo o Estado.

E os exemplos são diversos, pois todos os públicos que defendem cidadania e os direitos humanos na perspectiva da infância, dos moradores de rua, de gênero, da orientação sexual, de raça, de quilombolas, de idosos, da pessoa com deficiência, de violências e outros, têm se mobilizado por um mundo, de fato, melhor para se viver.

Entendo que essa mobilização e articulação de segmentos não-eclesiais são "pedras clamando", declarações reais de amor humano, experiências práticas de sal e luz, enquanto como igreja ficamos muitas vezes no ostracismo do desconhecimento, na oposição enciumada ou na auto-defesa de que já fizemos tudo nos momentos cúltricos.

Historicamente temos a mania egoísta de convidar o 'mundo' a vir a nós, a frequentar nossos templos e até se 'converter', mas evitamos assentar com os diferentes, mesmo nos espaços legítimos onde podemos fazer valer nossa voz profética; como somos tímidos e omissos!

A Igreja Metodista, mesmo possuindo uma contribuição histórica no país, precisa re-

sistir a modismos religiosos conservadores e aperfeiçoar sua denúncia e experiência proféticas, encabeçando ou se articulando a movimentos que defendem a vida, mesmo que haja as tais divergências doutrinárias periféricas.

A Igreja Metodista tem a oportunidade de compreender que deve ter nesses espaços, sua vez e voz efetivos, sem amedrontamento doutrinário ou receio de arranhar sua imagem, pelo contrário, se diferenciar como comunidade em serviço com o povo sofrido: mas sua presença e missão públicas exigem, sim, dedicação teimosa e entusiasmada, a acolhida ecumênica e a abertura às parcerias.

Que em face ao 18º aniversário do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), do 60º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e do 100º aniversário do Credo Social, nosso povo chamado metodista, pessoal e de forma institucional, se comprometa efetivamente com o Cristo, na criação de novos espaços de geração de vida plena, que é direito humano.

Cleber Lizardo "Kebel" de Assis é leigo metodista da 4ª Região Eclesiástica, educador, teólogo e psicólogo, assessor da Fundação Metodista e do Projeto Sombra e Água Fresca; integra o Fórum Mineiro de Direitos Humanos

Missão

A começar em mim, quebra corações

Celebração da PALAVRA

Liturgia de Confissão

[Antes do prelúdio, dedicar-se-á um tempo para acolhida e preparação dos cânticos. Com a liturgia impressa são entregues corações feitos com papel cartão.]

♪ Intróito e entrada da Bíblia

[Comunhão Preciosa — HE 387]

Leitura bíblica: Romanos 14.1-12

♪ Perdão, Senhor [Pablo Sosa]

Se sofrimentos te causei, Senhor
Se a meu exemplo o fraco tropeçou
Se em teus caminhos eu não quis andar
Perdão, Senhor!

Se vão e fútil foi o meu falar
Se a meu irmão não demonstrei amor
Se ao sofredor não estendi a mão
Perdão, Senhor!

Se indiferente foi o meu viver
Tranquilo e calmo sem lutar por ti
Devendo estar mui firme no labor
Perdão, Senhor!

Escuta ó Deus a minha oração
E vem livrar-me de incertezas mil
Transforma este pobre pecador
Amém, Senhor!

Oração e contrição [em silêncio, de joelhos]

♪ Kyrie Eleison

[John Bell – Cantado pelo Coro Novo Canto da Terra com participação da congregação]

Oração de Confissão

♪ Tua Palavra [Simeí Monteiro]

Tua palavra na vida
é fonte que jamais seca;
água que anima e restaura,
todos que a queiram beber.

Tua Palavra na vida
é qual semente que brota;
torna-se bom alimento,
pão que não há de faltar.

Tua Palavra na vida
é espelho que bem reflete,
onde nos vemos, sinceros,
como a imagem de Deus.

Tua Palavra na vida
é espada tão penetrante,
que, revelando as verdades,
vai renovando o viver.

Tua Palavra na vida
é luz que os passos clareia,
para que ao fim no horizonte
se veja o Reino de Deus.

Leitura bíblica e sermão: Matheus 18.21-35

Liturgia do Perdão

♪ A começar em mim [Autoria não identificada, provavelmente inspirada na Oração de São Francisco de Assís]

[Durante o cântico, cada um/a “quebra” e dá metade do seu “coração” à pessoa que está mais próxima e, com a metade que recebe de outra pessoa, torna a recompor o seu próprio “coração”.]

A começar em mim
Quebra corações
Pra que sejamos todos um
Como tu és em nós

Onde há frieza
Que haja amor
Onde há ódio, o perdão
Para que teu corpo
Cresça assim
Rumo a perfeição

Oração de dois em dois

♪ Ubi caritas [Taizé]

Ubi caritas et amor / Ubi caritas Deus ibi est
Onde está o amor, fraterno amor / Onde está o amor,
Deus aí está

Liturgia de Comunhão

Momento da Comunidade

Ofertório

♪ Aliança do Senhor [Ministério Koinonia]

Como é precioso irmão
Estar bem junto a ti
E juntos lado a lado
Andarmos com Jesus
E expressarmos o amor
Que um dia Ele nos deu
Pelo sangue no calvário
Sua vida trouxe a nós

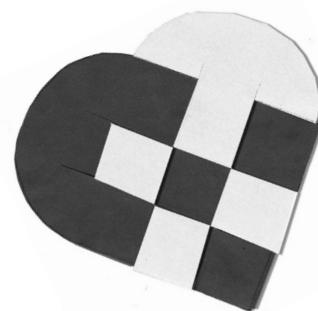
A aliança do Senhor
Eu tenho com você
Não existem mais barreiras
Em meu ser

Eu sou livre pra te amar
Pra te aceitar,
E para te pedir
Perdoa-me irmão
Eu sou um com você no amor do nosso Pai
Somos um no amor de Jesus.

Oração Final e Bênção

♪ Deus esteja com você
até nos vermos outra vez
[até nos encontrarmos outra vez]

♪ Amém Quintuplo



Liturgia

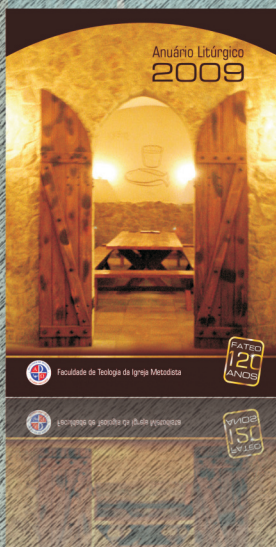
Equipe de Liturgia & Arte da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista
— FATEO/UMESP
COORDENAÇÃO: LUIZ CARLOS RAMOS

Lançamentos Editeo

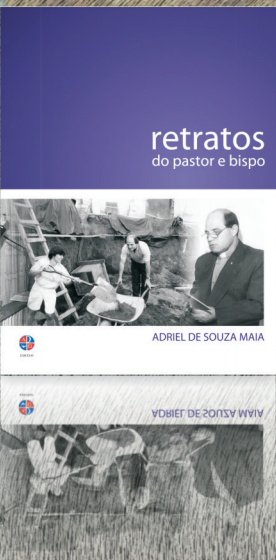
Segundo Semestre de 2008



Vida, Esperança e Justiça:
Um testemunho teológico para a América Latina
Jürgen Moltmann
Reflexões inéditas do eminente teólogo alemão, um dos mais importantes da contemporaneidade. Parte delas apresentadas em conferências na FaTeo (Semana de Estudos Teológicos) no ano de 2008.



Anuário Litúrgico 2009
Editor responsável:
Luiz Carlos Ramos
O Anuário Litúrgico apresenta informações e auxílios litúrgico-homiléticos e hinológicos, como textos litúrgicos, partituras, agenda litúrgica, leituras bíblicas para cada Domingo, entre outros. Esta sétima edição é celebrativa aos 120 anos da Faculdade de Teologia. Em 2009 é também oferecida uma edição de bolso.

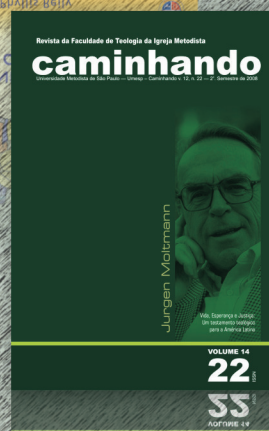


Retratos do Pastor e Bispo
Os últimos 25 anos da Igreja na visão de um dos seus mais importantes líderes

Adriel de Souza Maia
Portfólio biográfico do metodista Adriel de Souza Maia. A obra reúne as memórias, reflexões e depoimentos na celebração dos 25 anos de seu episcopado e resgata não só a personalidade de líder religioso, mas também as histórias, impressões, comentários, traços pessoais e o diálogo com seus interlocutores. Edição e supervisão do jornalista José Aparecido.



Em busca do Reino:
caminhando pela Bíblia buscando o Reino de Deus
Phyllis Reilly
Publicação, lançada em dois volumes (livro do professor e do aluno), fartamente ilustrada, destinada, especialmente, a agentes de educação de crianças e de pré-adolescentes. Esta obra oferece recursos variados a serem utilizados no trabalho de formação cristã.



Revista Caminhando Especial (nº. 22)
Editor responsável:
Helmut Renders
Dedicada a artigos sobre a teologia de Jürgen Moltmann, a propósito de sua passagem pelo Brasil em outubro de 2008.



Em espírito e em verdade

Luiz Carlos Ramos
Série Cristianismo Prático
Editor responsável: Tércio Machado de Siqueira
O livro "Em espírito e em verdade" tem a intenção de esclarecer o significado de liturgia para a Igreja Cristã. Mais do que enfatizar a liturgia como uma ordem para a celebração cultiva, o autor deixa claro que ela vai além: a liturgia deve ser compreendida como uma vida de serviço à Causa Divina. Isso faz da liturgia um conjunto harmonioso de palavras, gestos e expressões que orientam e desafiam a comunidade celebrante a aperfeiçoar o seu testemunho cristão, desafiando cada celebrante a transformar os passos litúrgicos, contidos numa folha de papel, em práticas do seu dia-a-dia.

Para adquirir, contate a Livraria da Editeo:

Rua do Sacramento, 230, Rudge Ramos
09640-000 São Bernardo do Campo SP
Tel (11) 4366-5982 / 4366-5787 • Fax (11) 4366-5988
E-mail: livrariaediteo@metodista.br